

CRÔNICA – [249]*

4 de novembro de 1900

Entre tais e tão tristes casos da semana, como o terremoto de Venezuela, a queda do Banco Rural e a morte do sineiro da Glória, o que mais me comoveu foi o do sineiro.¹

Conheci dois sineiros na minha infância, aliás três, – o *Sineiro de S. Paulo*,² drama que se representava no teatro S. Pedro, – o sineiro da *Notre Dame de Paris*,³ aquele que fazia um só corpo, ele e o sino, e voavam juntos, em plena idade média, e

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXVI, n. 307, p. 1, 4 nov. 1900), SEMMA (p. 433-437) e SEM1953 (v. 3, p. 431-437). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda. O texto vem em seção da *Gazeta de Notícias* intitulada “CRÔNICA” – título usado nas crônicas de Olavo Bilac, que substituíra Machado de Assis, desde 7 de março de 1897. Como Machado, Olavo Bilac não assinava essas crônicas. Esta crônica (4 nov. 1900) e a subsequente (11 nov. 1900) têm tradicionalmente, desde a edição de Mário de Alencar (1910), sido incluídas na série “A Semana”. Elas são, por assim dizer, acréscimos. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 431) anotou: “Esta crônica, bem como a seguinte, a última, tem na *Gazeta de Notícias*, o título ‘Crônica’ – em vez de ‘A Semana’, como todas as anteriores.” Ubiratan Machado (2021, p. 90) disse que Olavo Bilac “assumiu a crônica dominical da *Gazeta de Notícias*, em substituição a Machado de Assis, que se aposentava como cronista. Uma autêntica consagração [para Bilac]. Quando se ausentou durante duas semanas, para viajar à Argentina, Machado substituiu-o. [...] A crônica [de Bilac] de 4 de outubro de 1908, na *Gazeta de Notícias*, foi inteiramente dedicada a Machado.” Transcrevemo-la no Anexo, ao final desta crônica.

¹ Telegrama enviado de Nova York em 31 de outubro de 1900, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXVI, n. 304, p. 1, col. 4, 1º nov. 1900), informa sobre um terremoto ocorrido na Venezuela: “É grande o número dos mortos e feridos e contam-se por milhares as pessoas sem abrigo e reduzidas à extrema miséria.” Notícia sobre a falência do Banco Rural pode ser lida na *Gazeta de Notícias* (ano XXVI, n. 299, p. 2, col. 2, 26 out. 1900). Em nota, John Gledson (2013, p. 301-302) diz: “Em 12 de setembro, o Banco da República do Brasil fora vítima de uma corrida aos bancos, e o governo acabou estatizando o banco: seus débitos foram saldados com títulos do governo. Nessas condições, um regime de liquidação foi criado para os outros bancos, entre os quais o Banco Rural e Hipotecário, o mencionado aqui, fundado muitos anos antes, em 1854.” Sobre a morte do sineiro, uma pequena nota na *Gazeta de Notícias*, que transcrevemos integralmente, diz: “Monsenhor Molina rezará amanhã, às 8 horas, uma missa por alma do velho João, sineiro da matriz da Glória.” (*Gazeta de Notícias*, ano XXVI, n. 305, p. 2, col. 8, 2 nov. 1900)

² Em nota à edição desta crônica, John Gledson (2013, 302) nos informa: “*Le Sonneur de Saint Paul* (1838), de Joseph Bouchardy, autor de melodramas de enredo complicado. Foi traduzido pelo português João Baptista Ferreira em 1839 e mais tarde representado no Brasil.”

³ Quasímodo, sineiro de *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo.

um terceiro, que não digo, por ser caso particular. A este, quando tornei a vê-lo, era caduco. Ora, o da Glória, parece ter lançado a barra adiante de todos.⁴

Ouvi muita vez repicarem, ouvi dobrarem os sinos da Glória, mas estava longe absolutamente de saber quem era o autor de ambas as falas. Um dia cheguei a crer que andasse nisso eletricidade. Esta força misteriosa há de acabar por entrar na igreja e já entrou, creio eu, em forma de luz. O gás também já ali se estabeleceu. A igreja é que vai abrindo a porta às novidades, desde que a abriu à cantora de sociedade ou de teatro⁵ para dar aos solos a voz de soprano, quando nós a tínhamos trazida por D. João VI, sem despir-lhe as calças. Conheci uma dessas vozes, pessoa velha, pálida e desbarbada; cantando, parecia moça.⁶

O sineiro da Glória é que não era moço. Era um escravo, doado em 1853 àquela igreja, com a condição de a servir dois anos. Os dois anos acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. Contem bem os anos, quarenta e cinco, quase meio século, durante os quais este homem governou uma torre. A torre era ele, dali regia a paróquia e contemplava o mundo.

Em vão passavam as gerações, ele não passava. Chamava-se João. Noivos casavam, ele repicava às bodas; crianças nasciam, ele repicava ao batizado; pais e mães morriam, ele dobrava aos funerais. Acompanhou a história da cidade. Veio a febre amarela, o cólera-morbo,⁷ e João dobrando. Os partidos subiam ou caíam, João dobrava ou repicava, sem saber deles. Um dia começou a guerra do Paraguai, e durou cinco anos; João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre das escravas, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República, João repicou por ela, e repicaria pelo império, se o império tornasse.

Não lhe atribuas inconsistência de opiniões; era o ofício. João não sabia de mortos nem de vivos; a sua obrigação de 1853 era servir à Glória, tocando os sinos, e tocava⁸ os sinos, para servir à Glória, alegremente ou tristemente, conforme a ordem. Pode ser até que, na maioria dos casos, só viesse a saber do acontecimento depois do dobre ou do repique.

Pois foi esse homem que morreu esta semana, com oitenta anos de idade. O menos que lhe podiam dar era um dobre de finados, mas deram-lhe mais; a Irmandade

⁴ “A barra era um jogo em que se atirava longe um varão de ferro, ganhando o jogador que mais longe o arremessasse.” (NASCENTES, 1966, p. 30-31)

⁵ teatro] teatro, – em SEM1953.

⁶ Em nota, John Gledson (2013, 302) registrou: “Machado se refere aqui a um *castrato*, homem sem barba e com voz de moça, trazido de Portugal por d. João.”

⁷ cólera-morbo,] cholera morbus – em GN e em SEMMA; cólera-mórbus, – em SEM1953. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra as formas “morbo”, “mórbus” e “*morbus*”, e atualiza o nome composto “cólera-morbo”. Atualizamos o nome composto.

⁸ tocava] tocar – em SEMMA e em SEM1953.

do Sacramento foi buscá-lo à casa do vigário Molina para a igreja, rezou-se-lhe um responso e levaram-no para o cemitério, onde nunca jamais tocará sino de nenhuma espécie; ao menos, que se ouça deste mundo.

Repito, foi o que mais comoveu dos três casos. Porque a queda do Banco Rural, em si mesma, não vale mais que a de outro qualquer banco. E depois não há bancos eternos. Todo banco nasce virtualmente quebrado; é o seu destino, mais ano, menos ano. O que nos deu a ilusão do contrário foi o finado Banco do Brasil, uma espécie de sineiro da Glória, que repicou por todos os vivos, desde Itaboraí até Dias de Carvalho, e sobreviveu ao Lima, ao “Lima do Banco”. Isto é que fez crer a muitos que o Banco do Brasil era eterno. Vimos que não foi. O da República já não trazia o mesmo aspecto; por isso mesmo durou menos.⁹

Ao Rural também eu conheci moço; e, pela cara, parecia sadio e robusto. Posso até contar uma anedota, que ali se deu há trinta anos e responde ao discurso do Sr. Júlio Otoni.¹⁰ Ninguém me contou; eu mesmo vi com estes olhos que a terra há de comer, eu vi o que ali se passou há tanto tempo. Não digo que fosse novo, mas para mim era novíssimo.

Estava eu ali, ao balcão do fundo, conversando. Não tratava de dinheiro, como podem supor, posto fosse de letras, mas não há só letras bancárias; também as há literárias, e era destas que eu tratava. Que¹¹ o lugar não fosse propício, creio; mas, aos vinte anos, quem é que escolhe lugar para dizer bem de Camões?

Era dia de assembleia geral de acionistas, para se lhes dar conta da gestão do ano ou do semestre, não me lembra. A assembleia era no sobrado. A pessoa com quem eu falava tinha de assistir à sessão, mas, não havendo ainda número, bastava esperar cá embaixo. De resto, a hora estava a pingar. E nós falávamos de letras e de artes, da última comédia e da ópera¹² recente. Ninguém entrava de fora, a não ser para trazer ou levar algum papel, cá de baixo. De repente, enquanto eu e o outro conversávamos, entra um homem lento, aborrecido ou zangado, e sobe as escadas como se fossem as do patíbulo. Era um acionista. Subiu, desapareceu. Íamos continuar, quando o porteiro desceu apressadamente.

⁹ Esse trecho da crônica sobre bancos não está muito claro para nós – mesmo com apoio das notas que se seguem. Em nota à edição desta crônica, John Gledson (2013, p. 304) nos informa que Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí (1802-72) era “político conservador e presidente do Conselho no ‘golpe’ de 1868. É considerado o fundador do atual Banco do Brasil; José Pedro Dias de Carvalho (1808-81), político liberal, foi diretor do banco entre 1854 e 1857. O ‘Lima do Banco’ fica por identificar.” Em outra nota à mesma crônica, John Gledson (2013, p. 304) registrou: “Banco do Brasil foi fundido com o Banco da República para formar o Banco da República do Brasil em dezembro de 1892, à instância do marechal Floriano. Foi esse que quebrara em setembro de 1900.”

¹⁰ Júlio Benedito Otoni (1857-1926) era empresário.

¹¹ tratava. Que] tratava que – em GN; tratava, que – em SEMMA. Acatamos a lição de Aurélio.

¹² ópera] era – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

– Sr. secretário! Sr. secretário!

– Já há maioria?

– Agora mesmo. Metade e mais um. Venha depressa, antes que algum saia, e não possa haver sessão.

O secretário correu aos papéis, pegou deles, tornou, voou, subiu, chegou, abriu-se a sessão. Tratava-se de prestar contas aos acionistas sobre o modo por que tinham sido geridos os seus dinheiros, e era preciso espreitá-los, agarrá-los, fechar a porta para que não saíssem, e ler-lhes à viva força¹³ o que se havia passado. Imaginei logo que não eram acionistas de verdade; e, falando nisto a alguém, à porta da rua, ouvi-lhe esta¹⁴ explicação, que nunca me esqueceu:

– O acionista, disse-me um amigo que passava, é um substantivo masculino, que exprime “possuidor de ações” e, por extensão, credor dos dividendos. Quem diz ações diz dividendos. Que a diretoria administre, vá, mas que lhe tome o tempo em prestar-lhe contas, é demais. Preste dividendos; são as contas vivas. Não há banco mau se dá dividendos. Aqui onde me vê, sou também acionista de vários bancos, e faço com eles o que faço com o júri, não vou lá, não me amolo.

– Mas, se os dividendos falharem?

– É outra coisa; então cuida-se de saber o que há.

Pessoa de hoje, a quem contei este caso antigo, afirmou-me que a pessoa que me falou, há trinta anos, à porta do Rural, não fez mais que afirmar um princípio, e que os princípios são eternos. A prova é que aquele ainda agora o seria, se não fosse o incidente da corrida e dos cheques há dois meses.¹⁵

– Então, parece-lhe...?

– Parece-me.

Quanto ao terceiro caso triste da semana, o terremoto de Venezuela, quando eu penso que podia ter acontecido aqui, e, se aqui acontecesse, é provável que eu não tivesse agora a pena na mão, confesso que lastimo aquelas pobres vítimas. Antes uma revolução. Venezuela tem vertido¹⁶ sangue nas revoluções, mas sai-se com glória para um ou outro lado, e alguém vence, que é o principal; mas este morrer certo, fugindo-lhes o chão debaixo dos pés, ou engolindo-os a todos, ah!... Antes uma, antes dez revoluções, com trezentos mil diabos! As revoluções servem sempre aos vencedores, mas um terremoto não serve a ninguém. Ninguém vai ser presidente de ruínas. É só trapalhada, confusão e

¹³ à viva força] à fina força – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹⁴ esta] este – em GN e em SEMMA. Acolhemos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

¹⁵ há dois meses.] a dois meses – em GN. Em nota à edição desta crônica, John Gledson (2013, p. 306) disse que o ‘incidente’ a que se refere o cronista é “a corrida aos bancos do dia 12 de setembro, em que os depositantes foram pagos, não em dinheiro, mas com cheques visados.” (Ver, também, FRANCO, 2007, p. 244)

¹⁶ vertido] vestido – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

morte inglória. Não, meus amigos. Nem terremotos nem bancos quebrados. Vivam os sineiros de oitenta anos, e um só, perpétuo e único badalo!



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 307, p. 1, 4 nov. 1900. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pagfis=1464>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

ANEXO

CRÔNICA¹⁷

4 de outubro de 1908

“Acabara o suplício e acabara o homem”,¹⁸ – escreveu alguém, no fecho de um severo soneto, em que se descreve a última hora de Prometeu, libertado pela Morte piedosa. Esse alguém também acabou há poucos dias, e acabou o seu suplício.

Todo o homem de pensamento é filho e herdeiro do sofrimento de Prometeu. Porém raros terão sabido sofrer tanto e tão nobremente como Machado de Assis, autor desse soneto severo.

Ninguém como ele estudou, sondou, analisou, compreendeu essa

“... criatura antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciável.”¹⁹

– a Vida fria, impassível, imperturbável, que é fonte de todo o bem e de todo o mal. Desse estudo e dessa análise, outro qualquer homem sairia desesperado e inútil para qualquer trabalho. Machado de Assis saiu dele desenganado, mas sereno. E fez do seu desengano uma série de obras-primas, em que o ceticismo, pela graça de que se veste, chega a ser consolador como uma crença.

A tristeza endurece, irrita, encoleriza o comum dos homens. O analista das “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que foi sempre um triste, um oprimido de aflições físicas e morais, não foi nisso, como não foi em tudo mais, um homem vulgar: da sua tristeza nasceu a sua bondade, uma bondade larga de compassivo; Machado de Assis não odiou os homens: teve pena de todos eles, porque teve pena de si mesmo.

Dentro do eterno “círculo vicioso” que é a Vida, – em que o vaga-lume inveja a estrela, em que a estrela inveja a lua, em que a lua inveja o sol, e em que o sol pergunta com desespero

“Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”,²⁰

– a alma desse homem raro compreendeu que todos os homens, todas as coisas, todo o Universo merecem apenas compaixão. Nunca em seus versos e em sua prosa houve um grito de raiva nem um movimento de asco. A sua ironia foi mansa: não feria, – perdoava. Alguns dos tipos das suas novelas são modelos de egoísmo, de maldade fria, de dureza de alma; parece, porém, que ao acentuar esses defeitos, o novelista está dizendo nas entrelinhas da narração: “coitados! não são o que tinham de ser; não são o que desejariam ser, se lhes fosse permitido o desejo de melhorar...”

Pudesse ele, e fecharia aos olhos e à alma de todos os seus semelhantes o arcano triste dos segredos da vida, que os seus olhos e a sua alma haviam sondado.

Em sua opinião, perder as ilusões era a pior das desgraças.

¹⁷ *Gazeta de Notícias*, ano XXXIV, n. 278, p. 5, col. 1-2, 4 out. 1908. Na transcrição dos versos de Machado de Assis, respeitamos a lição que vem na *Gazeta* – não alteramos eventuais erros de transcrição ou ajustes sintáticos.

¹⁸ Verso final do soneto “O Desfecho” (1880), incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901.

¹⁹ Versos iniciais de “Uma Criatura” (1880), incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901.

²⁰ Verso final de “Círculo Vicioso” (1880), incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901.

Foi ele mesmo quem contou, em versos imortais, a história daquele triste poleá que encontrou um dia uma mosca azul,

“Que zumbia e voava, e voava e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, – melhor do que refulgiria
Um diamante do Grão-Mogol.”²¹

Essa mosca era a Vida, a flor das graças, o padrão da eterna meninice, a glória e o amor. O poleá cativou-a; mas, em vez de conservá-la intacta,

“Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela,
Rota, baça, nojenta, vil,
Sucumbiu; e com isto, esvaiu-se-lhe aquela
Visão fantástica e sutil...”²²

O poeta, que tinha imitado o poleá, estimaria que nenhum outro homem o imitasse, e que cada um guardasse inviolável a sua mosca azul.

À porta dos setenta anos, o Mestre sentiu que a amargura da sua existência era demasiada. O cálice transbordava. Mas o seu grande espírito ainda encontrou forças para suportar com tranquilidade o último golpe. Ninguém ouviu da boca desse homem superior uma blasfêmia, no transe acerbo. Tinha a dignidade de uma velha e nobre águia ferida de morte; e nessa dignidade morreu.

Dele, nos últimos dias da existência, outro poeta poderia dizer o que ele disse de Artur de Oliveira enfermo:

“.....
Verás num largo rosto humano
Teu próprio rosto;

E hás de rir, não do riso antigo
Potente e largo,
Riso de eterno moço amigo
Mas de outro amargo,

Como o riso de um deus Enfermo,
Que se aborrece
Da divindade e que apetece
Também um termo...”²³

Só um adjetivo dos que há nesses versos, não poderia ser conservado: “amargo”. O riso com que o Mestre morreu foi suave, de repouso e alegria. A sua morte epilogou dignamente a sua vida. Foi tranquila como um crepúsculo de inverno...

Há um soneto seu, “No alto”, que sintetiza numa bela ficção a tragédia do passo tremendo que separa a virilidade da velhice:

“O poeta chegara ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,
Viú uma coisa estranha,
Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao sutil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

²¹ Segunda estrofe de “A mosca azul” (1880), incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901.

²² Penúltima estrofe de “A mosca azul”.

²³ Versos do poema “A Artur de Oliveira, enfermo” (1883), incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
Ou bem como se fosse
Um pensamento vão

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta,
Para descer a encosta
O outro estendeu-lhe a mão...”²⁴

O “outro”, quem? Calibã, a revolta, o desespero, a maldade... Mais feliz, porém, do que esse poeta, Machado de Assis não teve o “outro”, como sócio e companheiro na lúgubre descida.

Ariel, compassivo, não o abandonou. Foi com ele até o último declive, até o fundo do vale sombrio...

Grande e nobre Mestre! não sei o que diga da sua memória sagrada, nesta coluna da “Gazeta”, que por tanto tempo foi sua. Coube-me a honra esmagadora de substituí-lo aqui, – e este artigo deveria ser a sua apoteose.

Mas que valem palavras, depois do que disse a cidade, na muda homenagem daquele préstito que levou ao cemitério o despojo do escritor exemplar?

Há nas “Relíquias de Casa Velha”, penúltimo livro de Machado de Assis, a páginas 141, uma frase que a cidade compreendeu e cumpriu: “A veneração dos grandes homens é uma virtude das cidades...”²⁵ Nobre e extraordinária virtude que a capital do Brasil demonstrou possuir.

O féretro do Mestre amado foi para o cemitério arrastado numa onda de amor, oscilando sobre o vasto coração palpitante do Rio de Janeiro.²⁶ À frente, as bandeiras das Escolas, os pendões dos moços, tremiam e arfavam como grandes asas luminosas; e o rumor que as rodas da carreta arrancavam das pedras das ruas era como o soluço da terra carioca.

Quando o féretro parou um momento junto do monumento de José de Alencar, eu cuidei ver um sorriso apontar na face de bronze da estátua, adoçada na luz meiga da tarde que morria. E pareceu-me que Alencar estava dizendo a Machado de Assis com ligeira alteração, o que Machado de Assis carioca disse um dia a Alencar cearense:

“Hão de os anos volver, – não como as neves
De alheios climas, de geladas cores;
Hão de os anos volver, mas como as flores,
Sobre o teu nome, vívidos e leves...”

Tu, carioca Musa, que os amores
Meigos e tristes, rústicos e breves,
Desta gente escreveste, – ora os escreves
No volume dos pátrios esplendores.

E ao tornar este sol, que te há levado,
Já não acha a tristeza. Extinto é o dia
Da nossa dor, do nosso amargo espanto.

²⁴ Soneto “No alto” (1880), de Machado de Assis, incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901.

²⁵ Essa passagem se encontra no texto “Gonçalves Dias”, que vem nas *Relíquias de casa velha* (1906, p. 140-141), de Machado de Assis. Trata-se de um “Discurso lido [por Machado de Assis] no passeio público, ao inaugurar-se o busto de Gonçalves Dias.” Naturalmente, a expressão “grandes homens” referia-se a Gonçalves Dias.

²⁶ Ver fotografia ao final deste Anexo.

Porque o tempo implacável e pausado
Que o homem consumiu na terra fria,
Não consumiu o engenho, a flor, o encanto...²⁷

O.B.



Enterro de Machado de Assis

(Olavo Bilac é o terceiro à esquerda (do leitor), ao lado do caixão.)

FONTE: Acervo da Academia Brasileira de Letras

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Enterro_de_Machado_de_Assis_2_\(1908\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Enterro_de_Machado_de_Assis_2_(1908).jpg)>

Referências

BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*, ano XXXIV, n. 278, p. 5, col. 1-2, 4 out. 1908. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18365>.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em:

<<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

²⁷ “Alencar” (1880), incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901.